APOSTILA AULA 02

TEOLOGIA

E DOUTRINA DE UMBANDA

TRADIÇÃO DO CHÃO DE JORGE

AULA 02 - INFLUÊNCIAS AFRICANAS NA UMBANDA

O material aqui exposto é o resultado de anos de estudo e vivência no campo da espiritualidade e da investigação do mundo oculto, principalmente no contexto Umbandista.

É vedada toda cópia ou reprodução seja ela parcial ou total, sem a anuência expressa por escrito do seu autor: Douglas Rainho.

O material aqui contido é parte integrante do curso "Teologia e Doutrina de Umbanda - Tradição do Chão de Jorge" e não deve ser disponibilizado individualmente.

A comercialização deste material, feita por qualquer outro indivíduo ou fora da plataforma original é passível de punições previstas na legislação vigente.



A ÁFRICA E A UMBANDA

A influência africana é inegável dentro da Umbanda, inclusive algumas pessoas tendem a dizer que sem a África não há Umbanda e tenho que levar isso em consideração. Bebemos tanto desta fonte, por meios marcados pelo sofrimento, mas é incrível como o impacto das culturas africanas desempenham em toda a vida brasileira, seja na cultura, na dança, na música, no folclore, na comida e na religiosidade.

Mas quando falamos em África, o que vem à sua mente? A maioria das pessoas ainda acreditam que África é um grande país. Porém, a África é um continente incrivelmente grande, o terceiro em extensão territorial com cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados.

Se já não bastasse tanto território, também é o segundo continente mais populoso do planeta. Sendo assim tão populoso podemos dizer que também é um caldeirão de culturas, mas que sempre é expresso de uma forma minimalista e com um olhar muito eurocentrista no ensino básico do Brasil.

A África possui 54 países, sendo que encontramos uma grande variedade cultural, linguística e religiosa. Na África encontramos católicos, cristãos, muçulmanos e vários povos que cultuam as religiões tradicionais.

No Brasil, apesar de sermos grandemente influenciados pela cultura africana, sofremos também de um racismo e preconceito muito grande, isso se dá até mesmo na academia, quando os estudiosos tentam "defender" a cultura do povo africano.

Segundo Nei Lopes, até antes da década de 1970 havia um preconceito antinegro muito embutido na historiografia brasileira. Exaltava-se muito a evolução dos africanos letrados (arabizados, com foco muçulmano) em detrinmento do restante da população africana que fora trazida como cativos para o Brasil. Os Bantos, que foram, de longe, os que mais foram trazidos à força ao Brasil, eram menosprezados e inferiorizados como uma "cultura inferior, indolente e preguiçosa".

Contudo, grande parte da predominância da influência na nossa cultura, seja na música, linguagem, no conhecimento natural e até mesmo no processo de resistência dos quilombos era Banto. Então abra sua mente e mergulhe na cultura africana, entendendo que ela não é um país, mas um MUNDO imenso em um só continente.

TEOLOGIA DE UMBANDA INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



O ISLAMISMO E SUA INFLUÊNCIA

Todo mundo já ouviu a expressão: "Quem não pode com mandinga, não carrega patuá".

Mas o que poucos sabem é a compreensão total desta expressão. Mandinga era o termo utilizado para se referir ao povo africano escravizado que tinha uma cultura islamizada, professavam o islã e se identificavam com a religião profetizada por Mohammed/Maomé.

O termo mandinga (assim como Malê, Mossurubi ou Mossurumim) são usados para designar esse povo, que supostamente rompe com as práticas *fetichistas* da religião tradicional (ou religiões) africanas e encontra a iluminação nas palavras de *Alláh*.

A religião islâmica provém dos povos árabes, já no século VII da Era Cristã¹. Os povos árabes eram os ocupantes da Península Arábica, conhecida como Oriente Médio por alguns. Hoje encontramos os seguintes países na Península Arábica: Arábia Saudita, Bahrein, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Kuwait, Omã e Catar. Ainda temos parte do Iraque e da Jordânia.

Em tempos passados, na parte desértica da península viviam povos nômades que se dedicavam à criação de rebanhos, chamados de beduínos. Neste local a cidade de Meca era considerada um grande centro comercial, para onde todos se dirigiam para fazer suas transações. Como um ponto de encontro de muitas pessoas, também acabava-se por ter uma prevalência na religiosidade (pré-islâmica), pois neste local estava localizada a Caaba.

A Caaba, hoje sagrada aos povos muçulmanos, já existia antes do advento do islamismo e era basicamente um altar em pedra preta onde havia representações das divindades cultuadas (divindades pagãs) pelos povos árabes da região. Há relatos de que havia mais de 300 representações de divindades pagãs na Caaba.

Dentro dessas divindades, podemos encontrar, segundo Nei Lopes, a entidade Al-Uzza, representando o planeta Vênus; Manat, que se associa à morte; Wadd, que se associa ao amor e Allat, uma representação de um deus solar.

¹ Usaremos o termo AEC (Antes da Era Cristã ou Comum) para o antigo termo Antes de Cristo (AC) e EC (Era Comum) para o antigo termo Depois de Cristo (DC).

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



A criação de uma cultura islâmica se baseia em uma revolução por diferenças sociais, levando-se em consideração que os beduínos começaram a adquirir posses e explorar a mão de obra menos favorecida. A união dos povos árabes em uma unidade se dá em 610 EC, por meio da revelação do Islã. Este ano também marca o ano zero, marco inicial do calendário muçulmano.

Vejam que a religião nasce também com o anseio de liberdade e ao mesmo tempo tem a influência em sua construção das questões sócio-econômicas da época. Como Meca era tida como uma cidade de grande movimento econômico, unificar a ideia de deuses em um só deus, poderia inviabilizar a presença das romarias em sentido a Meca, contudo vemos que isso é substituído com a OBRIGAÇÃO de todo muçulmano com condições de ir a MECA pelo menos uma vez na vida.

Claro que houve muita perseguição e Mohammed tem que fugir para se refugiar em Medina (400 km de distância de Meca) no ano de 622, conhecido como o ano da Hégira (fuga).

Porém, os pilares centrais da fé islâmica estavam a cada dia conquistando mais e mais adeptos, principalmente pela questão de que dentro da fé islâmica todos os homens são vistos como iguais, sendo assim depois de 8 anos da fuga, Mohammed consegue retornar triunfante a Meca.

Nei Lopes acredita que o islamismo é uma união de judaísmo e cristianismo, dentro de um contexto árabe. Para tanto eles acreditam que só há um DEUS, que é *Alláh* e que Mohammed é seu único profeta. Contudo, eles também tem bases judaícas com a crença em anjos, sendo que o próprio Corão (que significa a Leitura) foi transmitido pelo Arcanjo Gabriel diretamente para Mohammed, que consta na lenda que não sabia ler e escrever.

Os muçulmanos também creem na unidade do povo por meio dos patriarcas, sendo que o patriarca original é Abraão, que acaba dando origem a Isaac e a Ismael, sendo o primeiro o "criador" do povo judeu e o segundo o "criador" do povo árabe.

Um dos preceitos mais interessantes é que o indivíduo islâmico deve sempre buscar melhores condições de vida.

INFLUÊNCIAS AFRICANAS | AULA 02



Após a morte de Mohammed, os seus sucessores levaram o Islã para toda a Península Arábica, além de Pérsia, Síria, Índia e partes do Norte da África. No continente africano os árabes conseguem se expandir a partir do Egito e se expandem por todo norte da África, onde hoje encontramos o Marrocos, a Tunísia, a Argélia, a Líbia, o próprio Egito, Saara Ocidental e o Sudão.



Retomaremos sobre os Mandingas, também chamados de Malê e o patuá mais a frente.



AÁFRICA

O continente africano é considerado o continente da vida humana. Supõe-se que os primeiros hominídeos e humanos tenham surgido no continente africano e se espalhado por todas as demais regiões do planeta.

Contudo, com uma história tão antiga, sua independência só seria uma realidade em meados do século XX, quando houve grandes movimentos revolucionários pela libertação do colonialismo europeu que devastou a África.

Quando há esse movimento, começamos a definir os limites políticos e as regiões deste continente, onde encontraremos a África do Norte ou Setentrional, se estendendo pelos territórios do Saara Ocidental, Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia e Egito. A África Ocidental acaba sendo a região abaixo do deserto do Saara e antes da chegada da grande floresta tropical, onde estão a Mauritânia, Senegal, Cabo Verde, Mali, Gâmbia, Guiné Bissau, Parte do Chade, Níger, Guiné-Conacri, Serra Leoa, Costa do Marfim, Gana, Burkina-Faso, Libéria, Togo, Nigéria, Benin e uma parte da República de Camarões.

A África Oriental inclui a Etiópia, parte do Sudão, a Tanzânia, o Quênia, Ruanda, Somália, Burundi, Djibuti, Comores, Maurício, Reunião e Seycheles, Madagascar e Uganda. Essa região já se encontra banhada também pelo Oceano Índico.

A África Austral ou África do Sul (não confundir com o país) é a região que compreende Malaui, Zimbábue, Botsuana, Namíbia, Lesoto, Suazilândia, África do Sul e Angola.

A África Central é onde encontramos a outra parte de Camarões que não está incluída na África Ocidental, partes do Sudão, o Sudão do Sul, parte do Chade, a República Democrática do Congo, o Congo, Gabão, Guiné Equatorial e São Tomé e Príncipe.

Claramente percebemos que pela proximidade do Egito e consequentemente da África do Norte (Setentrional) e a África Oriental à Arábia, teremos uma forte influência dos povos árabes e de sua religião nessa faixa de terra.

Além das rotas comerciais, também havia sempre a fuga de pessoas da penínsual arábica (contra as perseguições) para a África. Temos relatos de comerciantes

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



pré-islâmicos, de origem árabe que já se encontravam fixos em países como a Etiópia e a Somália. Os Árabes chamavam a região conhecida como África como *Bilad al-Sudan*, que quer dizer "País dos Negros".

Considera-se que entre 3000 e 2500 AEC povos já semi-assentados, com produção agrícola e coletores, eram encontrados na região onde hoje temos a Etiópia e se expandiram seguindo o curso do Rio Níger. Para nos situarmos melhor em relação ao tempo, consideramos que o Egito floresce em 4000 AEC e cai sob domínio Persa em 525 AEC.

Sabemos que depois o Egito seria invadido por diversos povos e impérios, sendo o primeiro o Império Macedônico (não confundir com o atual país Macedônia) por meio de Alexandre, o Grande e depois pelo Império Romano, em 332 AEC e 3 AEC respectivamente. Porém sua islamização só iria ocorrer em 639 EC.

Dentro dos grandes impérios que encontraremos na África, além do Egípcio, podemos destacar o Império de Gana (não confundir com o atual país Gana), o império do Mali e posteriormente o Império Songai.

Apesar de usarem até hoje que o povo islamizado é quem deu origem aos grandes impérios, já encontramos vestígios de grandes civilizações em regiões como Ifé, Oyo, Benin, Kanem, Gao, Mali, Gana, Djolof e Kasson, antes da islamização.

Segundo Nei Lopes, entre os séculos VI e XI, povos falantes da língua Iorubá, como Oyó, Ifé, Ilexás, Efan e outros, fixam-se na região atualmente conhecida como sudoeste da Nigéria, partes do Benin e do atual Togo. Eles viriam a ser conhecidos posteriormente como Iorubás. No século XVI, Ifé foi conquistada por "povos estrangeiros", sendo que os atuais Iorubás seriam descendentes destes, desta forma os "verdadeiros" Iorubás, fundadores de Oyó e Ifé, não compartilham uma linhagem direta com os povos invasores.

Nei Lopes nos traz em seu livro "Bantos, malês e identidade negra", que as provas para isso seriam "os emblemas, insígnias e cerimônias que diferem sensivelmente dos usados e praticados pela nobreza iorubá contemporânea, em relação às referências simbólicas propaladas por outros grupos que se dizem descendentes dos reis da primeira fase de Ifé."

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



Ryder (1984, p.7) diz que: "no século XVI, de concreto sabe-se que os falantes do lorubá foram expulsos da antiga Oyó pelos nupês (tapas), estabelecendo-se no território onde se localiza a atual cidade de Oyó".

Vejam que a cidade muda de lugar, mas mantém o nome. Ododua, que conhecemos com um Orixá é considerado o grande ancestral, que acabou sendo divinizado por meio do culto e é tido como o próprio filho de Olorum (o Deus Supremo). Ododua é quem funda a cidade de Ifé, centro da cultura Iorubá. Oyó, por sua vez, foi fundada por um descendente de Ododua, sendo que em algumas lendas temos que foi seu filho Oraniã. Mas aonde entra Xangô aqui? Xangô é um dos descendentes de Oraniã.

Segundo Palau Martí (1964, p.27), Ifé é a cidade central das cidades-Estado lorubás, porém a que mais sobreviveu ao tempo é Oyó. Em Oyó encontramos os Alafins, que segundo Martí, Ododua teria sido o primeiro Alafim, seguido de Oraniã e por Xangô. O sexto alafim teria sido Aganju, um Orixá também conhecido dos Candomblés, ora visto como o Pai de Xangô, ora visto como uma qualidade do mesmo.

Aqui vemos que história, mito e religião se misturam, segundo os historiadores, Aganju seria um descendente de Xangô, provavelmente um neto e não seu pai.

Algo que acho de extrema importância ressaltar é que o mito se torna história ou a história se torna mito, sendo propagado de boca a ouvido, alcançando proporções divinas. Por exemplo, os reis de Ifé, e por consequência o grande rei de toda Federação de Cidades-Estados Iorubás, era chamado de *Oni*, e ele usava um paramento que é uma espécie de cortina à frente do rosto, feita de miçangas. Encontramos esse mesmo tipo de paramenta em Oxalá e na maioria das Orixás Femininas.

Sabemos, por meio da historiografia que a religião tradicional, entendia que as forças da natureza eram importantes e devem ser cultuadas, da mesma forma que os antepassados, como forças vitais em estado de divinização e isso se espalha por praticamente toda África.

O Islã ao chegar na África se depara com as religiões tradicionais bem enraizadas e tidas como núcleo central da cultura e vida de todo povo da África, seja ao Norte, Centro ou Sul.

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



O curioso é que o Islã, que chega à partir do Egito, não proíbe as práticas religiosas que já existiam, de certa forma elas acabavam se mesclando, resultando em uma prática islâmica muito própria da áfrica (sincretismo?).

O Islã acaba penetrando em todas camadas sociais já no final do século VII, mas se consolida entre o século XI e XIII, no norte da áfrica. Albert N'Goma diz que existiram quatro fases do islã na África: Fase Berbere, Fase Mandinga, Fase Songai e Fase Peule.

Não podemos esquecer que os árabes também se fazem presentes na europa, na península ibérica, principalmente no Reino de Al Andaluz ou Andaluzia.

Mandinga, como falamos no começo, é o nome dado a um Estado, que fora anexado ao Reino de Gana em torno de 1240. Então, os africanos islamizados da região de Mandinga, eram os conhecidos como Mandigas ou Malês (provavelmente da corruptê-la de Mali, o nome do Império).

O ISLÃ E A PRÁTICA TRADICIONAL

O Islã enfrenta resistência dos já cultuadores das práticas religiosas tradicionais, dentro da concepção lorubá (ou Nagô, como posteriormente foram chamados) encontramos a ideia de haver duas almas em cada indivíduo, sendo que uma seria a Alma Imortal e a outra a Alma mortal.

A figura do Babalaô era muito importante dentro das práticas religiosas, tidas como o intérprete do Ifá, oráculo que ditava a vida e a morte do povo Iorubá. Atualmente, os teólogos aceitam que existia uma "religião tradicional africana", porém essa ideia só foi aceita em um evento de 1961, organizado pelo escritor senegalês Alioune Diop: O Colóquio de Abidjan.

O entendimento da Religião Tradicional só se dá na porção final do século XX, para algo que era praticado mesmo antes da era comum. Eles acreditam que exista uma Força Superior, uma Inteligência Suprema que criou tudo e que ele tem como suas manifestações e gestores as forças da natureza e os espíritos daqueles que já se foram.

Os Orixás seriam essas forças naturais e que comungam com o Deus Supremo, porém eles seriam habitantes do ORUM, o plano espiritual e não poderiam estar

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



presentes no plano físico, tendo como seu intermediário EXU, o agente dinâmico da conversa e da mensagem.

Algo que quero aqui abrir o parentes é que apesar de não haver um diabo cristão na África como muitos tentam associar a Exu, eles entendiam os conceitos de bem e mal, até mesmo porque dentro do processo Islâmico há a figura de Iblis ou Shaitan, os opositores de *Alláh*.

Então cai por terra essa da inocência africana no que tange o bem e o mal.

Como esse povo tinha muito enraizada a tradição religiosa como se fosse uma tradição étnica mesmo, a sua cultura (como vemos com judeus), não havia como expurgar completamente essas práticas, muitas delas então são associadas, reproduzidas, reinterpretadas e assimiladas dentro do processo islâmico africano.

Cissoko (1964, p 102-103) nos diz que o negro africano adotou o Islã em suas práticas exteriores, simplificando seus rituais e adaptando-o ao seu modo de ser. (Sincretismo?). Reproduzo:

"dividiam o Império do Mali: o animismo² estava vivo na massa popular e se expressava no culto aos espíritos, à natureza [...] e aos ancestrais [...]. Os animistas se organizavam em confrarias [...]. Seus chefes gozavam de grande consideração junto ao povo. O Islã recrutava seus adeptos nas camadas superiores da sociedade, entre a aristocracia política e comercial e nas cidades. No Mali, o Islã era tolerante.

Os reis muçulmanos não se empenhavam em converter seus súditos. Alguns deles até mesmo professavam uma fé duvidosa. Por outro lado, o soberano islamizado não tinha o mesmo poder místico do rei da religião tradicional. O Islã, como sublinha Cheik Anta Diop, tende a dessacralizar o soberano enquanto o animismo tende a divinizá-lo."

.

² Animismo é a forma religiosa baseada na crença de que todos os seres da natureza possuem uma alma (*anima*).

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I **AULA 02**



Deschamps relata:

"No islã negro-africano, a magia pagã não desapareceu. O marabu³ concorre com adivinhos e curandeiros no mesmo terreno mágico, apenas através de processos diferentes. Ele confecciona e vende amuletos⁴ que são geralmente versículos do Corão num estojo de couro. E se utiliza, também, do êxtase e da invocação dos djins, espíritos maléficos".

Curioso que aqui vemos que os próprios líderes religiosos confeccionavam amuletos, que são os famosos patuás carregados pelos mandingas, usando da fé islâmica e que eles entram em êxtase (transe, incorporação) chamando (invocando, incorporando) os djins (daemons, antepassados, espíritos, etc). Apesar do termo Djin ser traduzido como Gênio (o gênio da Lâmpada), a associação é imediata com os Daemons (Demônios atualmente, mas em uma ideia original de que eram inteligências exteriores) que podemos associar aos Espíritos e Entidades.

Temos em diversos relatos, como em Margoliouth (1929, p.120) que era comum a criação de amuletos e também remédios mágicos com partes do Corão (alcorão). Eles pegavam os textos sagrados e criavam um uso mágico para ele, sendo o mais comum lavar partes deste texto (geralmente escritos em pergaminhos, ou seja, pele de caprinos e ovinos) ou papéis e dar essa água de beber ao enfermo.

Encontramos relatos sobre os Orixás terem também sido influenciados pelo Islã, conforme o excerto de João José Reis (1986, p. 152-155) encontrado na obra de Nei Lopes:

"No mais aprofundado estudo sobre os malês até então escrito no Brasil, lembra que a tradição nagô relaciona os negros islamizados aos orixás funfun, à frente dos quais se coloca Obatalá, e isso: porque todas as representações simbólicas desses orixás se baseiam na cor branca, largamente usada pelos malês; pela utilização da água elemento vital de Oxalá (Obatalá) - em inúmeros rituais e cerimônias

-

³ Homens, que se dedicam à prática e ensino da vida religiosa, entre os Muçulmanos. Podemos supor que o termo Marabô (Exu Marabô) tenha surgido daí.

⁴ Patúás

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



privados e públicos dos malês; pela consagração da sexta-feira - Dia de Oxalá - como o dia do jejum muçulmano, etc."

O interessante aqui em se notar é que já havia um sincretismo sem elementos católicos/cristãos já com os malês. Inclusive, Nei Lopes ainda cita "que era comum, segundo J.J. Reis, que na África, os babalaôs, de acordo com determinadas interpretações do jogo de Ifá, costumavam aconselhar seus consulente a iniciação na religião dos alufás (Islã), pois o décimo segundo odu, dos dezesseis que existem, estaria ligado intimamente a tudo o que é muçulmano."

Inclusive parte desta cultura sobreviveu em Cuba onde é muito comum ouvir praticantes de Palo e Santeria saudarem as pessoas com a expressão: *As salam aleikum.*

Então, retornando lá no começo do nosso pensamento, os Muçulmanos africanos trazidos como escravos para o Brasil, eram conhecidos como Malês, Mussurumin, Musulmi ou Mandinga. Eles carregavam no pescoço um saco de couro, onde encontrava-se em seu interior, passagens do Corão, como uma proteção, um amuleto. A esse amuleto se dá o nome de Patuá.



INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



Os Mandingas dentro da história da escravidão no Brasil, ocupavam em grande parte posições de capatazes e até capitães do mato, encarregados de manter os demais "escravos" presos e evitar suas fugas, assim como ir atrás daqueles que fugiam.

Desta forma, eles gozavam de certa "liberdade", no ir e vir. Alguns negros de outras etnias e culturas, tentavam escapar fraudando o uso de um patuá, porém, quando se deparavam com um Mandiga, era pedido para ler o que lá estava escrito. Como não havia tradição escrita dentro dos povos Bantos, Iorubás e Fons, eles eram pegos, aí surge a expressão: "Quem não pode com Mandinga não carrega Patuá".

A MAGIA MALÊ

Hoje vivenciamos uma tentativa de volta ao "puro, original", como se a Umbanda estivesse se ocupando de destruir uma memória negra, africana e pura lorubá. Isso se dá também com o reconstrucionismo Banto. Todas essas frentes são importantes, mas devemos entender que a própria Umbanda, Macumba e qualquer "religião africana" também teve processos na sua essência e modificaram-se por si só.

Como vimos, o processo de misturar a religião tradicional com o islamismo foi algo natural e orgânico, o mesmo viria a ocorrer depois com os cultos nativos brasileiros e o próprio cristianismo.

Ainda no incrível livro "Os Bantos, Malês e Identidade Negra" vemos que Nei Lopes relata os sortilégios e magias que eram atribuídas (quase sempre) aos africanos islamizados, ou seja, algo que hoje atribuímos ao praticante de candomblé e umbanda. O próprio nome mandinga, que designava um povo, acabou por virar sinônimo de bruxedo ou feitiço.

Manuel Querino nos traz que:

"O feitiço do Malê é inteiramente diverso dos demais africanos. Escreviam em tábua negra o que pretendiam contra a pessoa condenada, apagavam depois com água os sinais cabalísticos e o

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



líquido era atirado no caminho transitado pela vítima.

Para destruir qualquer malefício, possuía o Malê, um pequeno patuá ou bolsa que trazia ao pescoço, contendo uma oração em poucas palavras, a qual era encimada por um polígono estrelado regular, de cinco ângulos, vulgarmente conhecido por signo de Salomão".

Traduzindo, eles criavam Pontos Riscados, Zimbas, apagavam com a água (líquido de Oxalá) e atiravam a água contaminada com o malefício no caminho das pessoas (magia de contágio). No seu patuá de proteção além da oração tínhamos o Pentagrama!

Vemos mais adiante no mesmo livro que em novembro de 1983 descobriu-se misteriosos manuscritos árabes atrás de uma parede demolida de uma loja na rua Buenos Aires, no Rio de Janeiro. Isso foi alvo de reportagem do jornal O Globo em sua edição de 30 de novembro. Encontraram dois pequenos pacotes de pano de aproximadamente 4cm, dentro dos tecidos havia grafado em tinta vermelha, talvez sangue, caracteres árabes. O mais interessante é que funcionários do consulado do Líbano, um diplomata egípcio de nome Abdel Washab Saleh Chawki e o professor João Baptista M. Vargens, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, autenticou como uma "macumba muçulmana" os escritos. Os manuscritos eram símbolos de rituais malignos e preces para que um homem abandonasse a esposa e pragas para que ele passasse fome e ficasse pobre caso ele não a abandonasse.

Poxa, estamos falando de uma magia malê de amarração e destruição! Em árabe! Com sangue! Em um patuá!

Algumas outras influências que encontramos dos malês, além da indumentária branca na Umbanda, são os traços de desenhos cabalísticos em fundos mais escuros, em uso de patuás, uso de metais para condução de magia, o próprio filá, turbante ou eketé.

Uma frase que eu sei que você já deve ter ouvido, também é associada com o entendimento Islâmico-africano, principalmente o malê: "Um copo de água não se nega a ninguém".



OS BANTOS

Quando falamos que a Umbanda é Banto, não queremos dizer que ela NASCE lá, até porque realmente encontraremos algo similar a Umbanda nas terras africanas de cultura banto, mas conhecido como Mbanda.

O processo de feitiçaria e cura promulgado nas terras banto são chamados de Mbanda ou Embanda e acabam trazendo em si a figura do Kimbanda (o feiticeiro, o curador). Então em um ritual de Mbanda quem coordena é o Kimbanda.

Mas esse processo não é exatamente como uma gira de Umbanda, mas tem suas similaridades como a manifestação dos ancestrais (entidades) por meio do êxtase (transe, incorporação) e o receituário de beberagens, ervas, feitiços e afins para organizar o sistema energético do indivíduo.

O Kimbanda, no Brasil, toma outro significado, muito associado à feitiçaria maligna, negativa ou a erroneamente chamada "magia negra". De certa forma o Kimbanda faz a Magia Negra, que é a magia dos negros, mas não exatamente a magia de malefício apenas. O termo usado para os feiticeiros malignos é Muloji e não Kimbanda.

Os povos bantos compreendem uma porção gigantesca do continente África, sendo um dos mais espalhados demograficamente. Porém, essa impressão de união e coesão é apenas uma impressão, sendo eles completamente diferentes entre si, mas oriundos de uma raiz linguística cultura, quase uma raiz proto-banto.

Os bantos e sua cultura acabaram ganhando destaque nos últimos anos, devido a um movimento de revisionismo na história africana no Brasil. Esse movimento é muito importante para resgatar o pensamento, a cultura e as origens, mas ele não pode ser utilizado como argumento político e social para algo que nada tem a ver.

Sabemos que a grande maioria dos africanos escravizados eram de origem banto, e que foram os primeiros trazidos para o Brasil para desempenhar essa atividade. Desta forma, a sua influência é marcante e impacta muito, principalmente porque quando aqui chegaram conviveram com os nativos brasileiros, o povo originário, tanto nos quilombos, nas fugas, quanto nas senzalas, afinal os indígenas também eram usados como escravos pelos europeus.

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



Nesta convivência e com a sua natureza inclusivista, os Bantos absorveram muito do entendimento mágico e religioso dos povos originais e os reinterpretou conforme a sua própria ritualística e cultura, dando origem a religiões conhecidas como Calundu e Cabula, além do próprio Candomblé de Cabolo.

Mas vocês devem ouvir pouco falar sobre os Bantos e seus Mkisi, até porque os lorubás e seus Orixás são muito mais proeminentes, isso se dá pela memória histórica fragmentada dos povos cativos, que já não mais existiam em sua natureza "original" e perdiam a sua cultura advinda da África. Quando os lorubás aqui chegaram, já havia se passado gerações do povo Banto no Brasil, distante de sua cultura e com apagamento de sua memória.

Mas além disto, devemos isso a um apagamento dos historiadores para com os Bantos, que eram considerados inferiores. A academia no seu afã de criar um protecionismo e purismo doutrinário, relegou os reais criadores da cultura brasileira a um ostracismo, quase um esquecimento total.

Vemos esse tipo de preconceito enraizado nas palavras de Afrânio Peixoto, conforme diz ter encontrado Nei Lopes, no *Breviário da Bahia* (1980, p.281):

"A preferência de todo o Brasil, exceto a Bahia, por Angola, é que embora mais feios, menos cultos, eram mais dóceis e obedientes ao trabalho. Muito afeiçoáveis ao cativeiro, ótimos criados, mas muito estúpidos, diz Taunay".

Também existia o proceconceito por dizerem que os "negros" vindos das florestas do Congo ou de Angola nunca haviam criado civilização alguma, o que é uma inverdade como sabemos, pois o Reino do Kongo, o Reino do Dongo e a própria rainha Njinga Mbandi que era rainha do Reino do Dongo e de Matamba, estão aí para desmentir.

O racismo chamado de científico ficou tão evidente contra esses povos que isso acabou até mesmo sendo assimilado pela população. O povo fixou essa imagem na mente e é difícil de tirar. Vemos isso entre os próprios povos de santo, como relata João do Rio (1951, p.13-14, 27), ao entrevistar o "negro Antônio", que estudou em Lagos (capital da Nigéria):

"O eubá (Iorubá) para os africanos é como o inglês para os povos civilizados. Quem fala eubá pode atravessar a África e

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I **AULA 02**



viver entre os pretos do Rio. Só os cambindas ignoram o eubá, mas esses ignoram até a própria língua, que é muito difícil. quando os cambindas falam, misturam todas as línguas (...)

- Por negro cambinda é que se compreende que africano foi escravo de branco. Cambinda é burro e sem vergonha!"

Cambinda é um povo de cultura banto que foi trazido ao Brasil. Vejam o preconceito, colocando o lorubá com um "quê" de pureza. Esse tipo de associação iria acabar sendo reforçada quando a cultura de Ketu, dentro dos candomblés, que é lorubá, foi escolhida para ser o "Candomblé Oficial" pelos historiadores, sociólogos e antropólogos. Esse tipo de preconceito é até hoje reproduzido nos praticantes de várias comunidades espirituais Ketu, Alaketu e Nagô, sem a menor fundamentação.

É bem comum você encontrar alguém de Ketu que tenha o conhecimento da influência banto na Umbanda ou mesmo que a ignore, mas que por tradição irá menosprezar a Umbanda como algo inferior, justamente por causa dessa "rixa" entre lorubá e Banto, criada pelos estudiosos.

Os povos Bantos são em grande número, seja em povos, culturas e línguas (dialetos), contudo podemos destacar três agrupamentos culturais maiores, que influenciaram o surgimento das práticas de Macumba no Brasil, os falantes de Umbundo, Quimbundo e Quicongo.

Os Ambundos, que hoje se encontram na região de Angola, são aqueles que falam a língua Quimbundo. Os Ovimbundos, são os falantes do Umbundo e habitam a região abaixo do rio Cuanza (que faz fronteira com Angola) e os Bacongos, ocupavam a área do antigo Reino de Congo, são os falantes do Quicongo. Para eles, o Deus Supremo pode ser chamado de Suku (Ovimbundos) ou Nzambi (para os ambundos, congos e bacongos).

O sistema de organização do povo banto era superior tecnicamente dos povos que antes ocupavam o mesmo território, então eles acabaram por ser mais bem sucedidos em se instalar nesses locais, afastando os antigos indivíduos que lá estavam. Eles possuíam um sistema de organização baseado na estrutura de família estendida, que vai além de pai, mãe e filhos, sendo considerado que os parentes também fazem

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



parte do mesmo núcleo familiar. A lealdade era algo de extrema importância e havia relações entre diversos clãs baseadas na confiança, mas sempre mantido por um chefe, esse chefe, geralmente o mais velho do clã familiar, tinha a responsabilidade sobre todo o sistema familiar, seja o econômico, o comportamental, social e também o religioso.

O sistema matriarcal e a presença feminina nas famílias era muito valorizada, sendo que por se focar na pecuária, formavam grandes rebanhos bovinos e caprinos. Esse gado produziria riquezas, alimento, vestuário e uma infinidades de bens de consumo posteriores, mas também era a medida de riqueza de cada família, sendo usado para pagar o DOTE da mulher para o casamento.

Quando havia interesse em casar-se com alguém, o futuro marido daria PARTE de seu rebanho para a família da noiva como forma de indenização e cortejo. Desta forma a noiva "saí" daquela família e começa a fazer parte da família do noivo. Desta forma, ter várias filhas era um meio de se prosperar economicamente também.

Com isso também vinha a presença e a necessidade da figura da mulher, como ponto central da cultura banto, por isso grandes candomblés e terreiros do passado, tem na figura feminina e no sistema matriarcal a sua grande diferença dos sistemas patriarcais dos europeus.

A EXPLORAÇÃO DO POVO CONGO E BACONGO

Ao olharmos no mapa político do continente africano iremos perceber que existem dois países que se chamam Congo: A República do Congo (Congo-Brazzaville) e a República Democrática do Congo (Congo-Quinxassa). Essa é uma organização moderna, que existe após a colonização européia no século XIX e XX da África, não representando toda a grandeza do antigo Reino do Congo.

A República do Congo foi colônia dos franceses, enquanto a República Democrática do Congo, fora colônia dos belgas e um dos cenários de maior atrocidade da história recente humana.

Contudo, o contato do povo Congo com os europeus ocorreu primeiramente com os portugueses. A fundação do Reino do Congo é atribuída ao chefe Nimi-a-Lukeni no século XIV. Ele é o fundador da cidade Mbanza Kongo, que era a sede do reino e era

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



chamado de *Muene Kongo* ou Manicongo, de forma aportuguesada, que significa literalmente o SENHOR DO CONGO.

Nimi-a-Lukeni é tido como um herói mítico e divinizado, sendo um dos primeiros grandes antepassados cultuados pela tradição religiosa do Congo. Ele possuía a alcunha de "O Ferreiro", pois era considerado aquele que forjou a grande nação do Congo.

Por volta de 1480, um explorador português chamado Diogo Cão chegava próximo ao Reino do Congo, na tentativa de conhecer as terras e estabelecer algum contato com os povos que lá habitavam, contudo, apesar de ter trazido alguns congoleses para dentro de suas embarcações e enviar alguns representantes do povo português para o reino, ele decidira partir de volta para Portugal, levando consigo como "refém" os congoleses, deixando seus confrades em terras africanas.

Ele retorna após um ano com o povo africano e acaba recebendo seus marinheiros novamente, desta forma começa-se a estabelecer uma troca entre o povo do Congo e o Reino de Portugal, principalmente por interesse do manicongo Nzinga Nkuwu, que posteriormente, em 1491, se tornaria João I do Congo, transformando a capital Mbanza Kongo em São Salvador.

Existia uma relação entre os portugueses que ajudaram com seu poder bélico a conter revoltas dentro do Reino do Congo e o próprio Manicongo e parte da sua "conversão" ao catolicismo se dá por interesses políticos, essa conversão não dura, (assim como da maior parte dos manicongos e ngolas) sendo que por muitas vezes os governantes voltam a assumir os seus nomes naturais e a praticar a religião dos seus ancestrais.

O povo congolense não queria ser "domesticado" pelos portugueses e não tinha interesse real na conversão, mas entendia que eles queriam um intercâmbio, para que sua sociedade pudesse se modificar conforme o que acreditavam ser necessário para o crescimento do Reino. Justamente nessa necessidade de agradar o povo portugues, na esperança de angariar tecnologia e novas formas de controle, o Manicongo Anfonso I (Mvemba-a-Nzinga) acaba concordando em vender alguns indivíduos que não gozavam de proteção das leis do Reino do Congo, geralmente criminosos ou prisioneiros de guerra.

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



Portugal vê nisso a grande chance de angariar mais recursos e financiar as colonizações de suas ilhas e territórios com mão de obra escravizada cedida pelos grandes Reis da África e neste processo começam a incitar revoltas, discórdias, guerras, para que consigam tirar proveito disto.

Apesar do sistema escravagista existir na África, ele nunca fora executado do jeito que os portugueses e demais europeus o fariam. O sistema escravista africano considerava que o "patrono" de determinado escravo tinha responsabilidades sobre o indivíduo, permitindo-o cultuar sua ancestralidade, dando de comer, beber, vestir e dormir, além de olhar para suas questões de saúde e bem-viver. Eles possuíam folgas nas semanas trabalhadas e geralmente eram recompensados por seus esforços, raramente sendo punidos de forma física pelos seus "patronos". Muitos escravos neste sistema acabavam até vindo a integrar a família do seu patrono posteriormente, após cumprido seu "tempo de escravidão e servidão".

Com os portugueses a escravidão tomou outra forma, sendo um sequestro não só dos indivíduos mas de seus direitos individuais, sendo que muito se considerava se eles possuiam almas e eram explorados, expatriados e retirados de suas culturas e famílias. O ser humano então se tornou em um bem de consumo e servidão, algo não visto antes na história do mundo, no processo de escravização.

O Reino do Congo a partir disto começa a se desestabilizar e fragilizar, sendo invadido por diversos povos, principalmente pelos ferozes guerreiros Jagas, que vinham do reino de Matamba (atualmente parte do país Angola).

Os Jagas se sentiam vilipendiados, oprimidos e queriam vingança após o Reino do Congo, incitado pelos portugueses, invadirem e capturarem de forma sangrenta os indivíduos daquele reinado. Então essa invasão dos Jagas, era uma vingança, uma retribuição do que haviam sofrido. Os Jagas invadiram e destruíram tudo ao seu redor, fazendo com que o novo rei Álvaro I do Congo, tivesse que pedir ajuda aos portugueses, para restabelecer a ordem e as condições mínimas de vida na cidade de São Salvador (antiga Mbanza Kongo).

Vendo que havia sido um tiro pela culatra a ajuda dos portugueses, o rei Álvaro II, sucessor de Álvaro I, tenta conter o tráfico de escravos, fazendo com que os portugueses migrem para o Dongo, que futuramente se tornaria o Reino de Angola.

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



Em 1555, o Rei do Dongo declara sua independência do Reino do Congo e do Manicongo. Desta forma, acabam sendo influenciados ainda mais pelos portugueses a capturar indivíduos nas guerras fomentadas e aceitas pelo *Ngola* (rei do Dongo), como prisioneiros e permite que os próprios portugueses capturem os indivíduos para explorá-los como mão de obra escrava.

A RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE BANTO

Como já citamos, o sistema de religiosidade banto é quase sempre visto como algo arcaico, primitivo e inferior ao sistema sudanês ou iorubá de crença. Isso se deu por motivos que a academia e os estudiosos, além dos escritores colonialistas, impuseram sobre a observação dos povos bantos.

Nei Lopes cita Galvão e Selvagem (1952, v III, p.218-219):

"A vida espiritual dos negros é uma tragédia contínua, representada entre o nascimento e a morte. O temor do sobrenatural, com todas as representações que a sua imaginação pode admitir, é o facto dominante da sua espiritualidade religiosa. A sua religião é um complexo mal articulado de crenças em que intervêm, ao mesmo tempo, o reconhecimento da existência de um Criador Supremo, as forças e ou espíritos malfazejos e os agentes animados ou inanimados que decidem, favorecem ou impedem as obras do mal e as obras do bem. Como Criador Supremo acreditam em N'ganaZambi, um deus superior, distante e vago, que parece independente ou indiferente entre os conceitos do Bem e do Mal: um Criador que se reconhece, que se ama e se respeita - mas que não se teme. De Zambi não vem nem o bem nem o mal. Vem a vida dos seres e a criação das coisas. É um autor, um pouco indiferente à sua obra. O bem e o mal são obra de agentes, nem sempre determinados mas constantemente ativos - os feitiços que segue a vida e a morte, o prazer e a dor, a fortuna e a desgraça, que se aliam a uns e outros, que se deixam subornar com sacrifícios e ritos que espreitam todos os atos e manifestações dos seres. E a vida dos negros decorre entre a esperança de merecer os favores de uns e o pavor de sofrer a perseguição de outros."

Porém, em 1940 o missionário belga Padre Placide Tempels cita em seu "La philosophie bantoue" uma visão diferente da religiosidade banto, onde a noção de uma força (Moyo, Mojo, Humba) se torna primordial em detrimento do ser, e a orientação da vida do povo banto se dá em uma eterna perseguição de aumentar essa força e de

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



impedir que a perca ou dmininua. Essa força é o que os lorubás chamam de Axé e é o ator principal dentro da experiência religiosa banto. Isso se dá com o sentido de FORÇA VITAL, onde tudo no universo apresenta um princípio fundamental de força, seja os seres vivos, os espíritos, os animais, as plantas, os minerais, os locais e até o sentido de consciência coletivo.

Se você fica doente é porque sua *força vital* está diminuindo ou de certa forma estagnada, da mesma forma para curar isto é preciso acrescentar *força vital* que se dá por meio de oferendas, sacrifícios e atos religiosos.

Desta forma os advinhos (sacerdotes) se tornam figuras muito importantes nessa sociedade, sendo eles os indivíduos que conseguem saber e distinguir quando uma pessoa está em sofrimento por diminuição da sua força vital, de onde surge essa diminuição e o que se faz para resolvê-la.

O próprio culto aos mortos se dá como uma forma de ENVIAR um pouco de força vital a seus antepassados, pois os antepassado que são negligenciados pelos seus familiares acabam sucumbindo a segunda morte, ou seja, acabam se tornando esquecidos e parte do TODO, perdendo sua individualidade e isso afetaria TODA a energia da Família.

O povo banto tem a concepção de que nós nascemos constantemente no mesmo seio familiar, sendo assim, podemos hoje ser a reencarnação de um antepassado, que se negligenciado anteriormente virá com menor força vital e poderá ocasionar problemas para TODOS da família e seus futuros descendentes.

O entendimento aqui é o da comunidade, onde o indivíduo não é tão importante quanto o coletivo.

O entendimento é que DEUS está acima de tudo, pois ele é o próprio criador e a força vital em si, o incriado e o insustentável, que se sustenta por si só. Seguindo depois pelos primeiros homens criados por Zambi, eles são os criadores dos primeiros clãs familiares e são considerados os mais próximos de Deus, após isso vem os ancestrais e antepassados (aqui as nomenclaturas se misturam, podendo em certos casos se referir aos primeiros homens e outras vezes aos familiares mortos).

Segundo Altuna (1985, pg. 58-51), a crença banto é inspirada em uma pirâmide vital, onde a hieraquia se dá por ordem de importância, sendo que encontramos Zambi,

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I **AULA 02**



os Arquipatriatas (Antepassados), os Espíritos da Natureza (Inquices⁵), os Mortos Familiares (Ancestrais) e na sequência os Reis, Chefes de Reinos, Tribos e Clãs, os Especialista sem Magia e Sacerdotes, os Anciãos e a comunidade. Após viria os seres humanos, os animais, os vegetais, os minerais, os fenômenos naturais e os astros.

Sulayman S. Nyang, professor gambiano cita (1982, p.30) "Essa concepção do homem definida por Mulago. "Para o banto, a vida é a existência da comunidade; é a participação na vida sagrada (e toda vida é sagrada) dos ancestrais; é uma extensão da vida dos antepassados e uma preparação de sua própria vida para que ela se perpetue nos seus descendentes".

Vemos Nei Lopes destacando: "Embora, na pirâmide das forças que constituem o universo, os ancestrais estejam mais longe da Divindade Suprema que os espíritos da natureza (Inquices), seu culto (dos ancestrais) supera em importância e em eficácia, por exemplo, o culto dos orixás da tradição iorubana, irradiada a partir dos atuais Nigéria e Benin. E Embora, ainda, aqueles espíritos sejam hierarquicamente mais importantes que os ancestrais, estes podem ser também associados a força da natureza, como é o caso entre os bacongos, dos Nkisi, que às vezes estabelecem com os homens pactos bilaterais com obrigações de ambas as partes (Thomas; Lueau, 1981, v. I., p.78). Assim, se algo como a ordem moral é coisa que a divindade suprema não se ocupa, por estar muito acima e muito além, os ancestrais são os guardiães dela e se incubem de castigar os descendentes que não a respeitem (Balandier, 1968, p.330). Os ancestrais atingem às vezes um tal grau de sacralização que acabam por ser considerados como divindades secundárias ou mesmo divindades de primeira ordem."

Luneau Thomas (1981, v. l, p. 78) cita: "Entre os bantos, então, a onipresença dos ancestrais é flagrante: 'Nenhum trabalho nos campos, nenhum casamento, nenhuma cerimônia de puberdade podem ter lugar sem que estejam em ligação com os mortos).

Essa é uma relação que vemos muito presente na Umbanda, onde as figuras dos Ancestrais Divinizados, como os Caboclos e Pretos-Velhos sobrepõe em muito a presença dos Orixás, Voduns e Inquices, tomando uma grande importância e sendo a bússola de conduta moral e o grande oráculo da religião umbandista. Estou para dizer, que na prática de Umbanda, seu adepto acaba se aconselhando com as entidades (os ancestrais), antes da tomada de qualquer decisão seja de que ordem for em suas vidas.

_

⁵ Forma errada de se referir aos Mikisi. Nkisi (Inquice) é um espírito da Natureza, Mikisi é seu plural.

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



As entidades de Umbanda se emprestam da cultura Banto quando é dito que os pretos-velhos, caboclos e exus começam a ser parte integrante da família espiritual (comunidade) formada pelos terreiros, sendo reverenciados como Pais e Mães, em sentido de respeito e importância.

Contrariando a ideia padronizada de que é uma religião fetichista e animista, encontramos entre os bantos que a figura ancestral é um símbolo para suas atitudes. Não podemos considerar que isto seja idolatria, pois o mesmo não se curva diante da madeira, do gesso ou do metal de que são feitas suas representações, mas sim da concepção de que aquela arte lhe toma.

Uma arte sacralizada (e toda arte é sagrada aos bantos) comum é a criação das máscaras representando ancestrais e forças da natureza. Essa é uma atividade tanto artística, quanto religiosa.

Essa efígie ou signo se torna a representação de uma ideia, conceito ou individualidade, desta forma podemos também associar isso ao uso das imagens nos terreiros de Umbanda, onde vemos a estátua de um santo representando um conceito e não exatamente o SANTO que representa, naufragando assim com o sentido do sincretismo por assimilação e substituição. Em outras palavras, como existe essa premissa banto dentro da Umbanda, ao se referenciar a São Jorge, como Ogum, nem sequer Ogum ou São Jorge estão sendo cultuados, tampouco a imagem que ali está, ela apenas representa algo, um gatilho mental e emocional, para a força que ela é associada, independente da sua denominação dada por outros.

O entendimento aqui é que mesmo São Jorge sendo um santo aos católicos e Ogum sendo um Orixá aos Iorubás, para o banto, essas representações tem outra significância. Eles não medem sua religiosidade pelo prisma dos outros, mas dentro de uma ideia própria e de um conceito de pertencimento. Ao ver essa imagem, ele associa a força marcial, de guerra, de abertura de caminho e possivelmente ao inquice *Nkosi*.

Com o entendimento do processo escravagista, a chegada dos bantos no Brasil se dá para impugná-los nas fazendas e no interior das colônias, sendo assim, os mesmos ainda mantinham parte de sua cultura e principalmente o sistema de linguagem. Diferente dos africanos tidos como escravos urbanos (que eram a minoria, mas que acabavam por definir o que se entendia pelo negro africano), os escravizados que

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



trabalhavam nas lavouras, não tinham tanto contato com o povo europeu e conseguiam manter certa estrutura das suas línguas nativas.

O maior quilombo que temos notícia, de Palmares, era uma estrutura banto de administração, em sua maioria populada por dissidentes e nascidos em terras brasileiras com origem banto, porém também encontramos outros povos, como os mestiços, indígenas e até mesmo brancos, que procuravam os quilombos, pois existia uma ideia de fartura em suas terras.

A própria palavra Quilombo, surge do termo quimbundo *kilombo*, que traz o significado de reunião ou união.

A importância do povo banto é tanta e se tornou quase imperceptível por destruição da memória desse povo pelos academicistas que elegeram o sistema lorubá como a pureza africana.

Grande parte das festas populares que vemos, como as congadas, os fandangos, os folguedos, o próprio bumba-meu-boi e afins são resultantes da cultura e da arte banto. Inclusive o próprio carnaval nasce da junção das tradições festivas africanas de origem banto com as procissões católicas do Brasil colônia. Para aqueles que procuram abolir o sincretismo com falsas premissas e discursos, lembramos que deveriam também abolir o carnaval, EXTREMAMENTE e ORIGINALMENTE sincrético.

A opressão cristista dentro da África Banto existiu, assim como dentro do território colonial brasileiro, porém a visão reproduzida é um conceito preconceituoso contra os bantos, que eram tidos como frágeis e inferiores, pois suas próprias manifestações religiosas por serem inferiores não poderiam conter a estrutura católica.

Os bantos intercambiam os sistemas religiosos e se adaptam, absorvendo o que lhes parece acertado e não sendo servis em suas concepções religiosas. Como já dissemos, mesmo os reis do Congo e do Dongo, por muitas vezes convertidos, voltavam às práticas tradicionais, demonstrando como essas eram IMPACTANTES e IMPORTANTES. Sem a família e o sistema tradicional de religião não existia o indivíduo, pois ele não existia sem a comunidade, que dependia da crença na ancestralidade e na religião, formando um ciclo indissociável.

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



Essa ilusão de que a adoção do sistema católico se deu passivamente é apenas uma forma preconceituosa de entender o banto e sua cultura assimiladora e muito adaptada.

Inclusive a suposta perseguição dentro das fazendas não são exatamente como retratadas, sendo que a distância da colônia e do braço forte da Igreja era tanto, que demorava-se meses e até anos para algo ser "SABIDO" e "CONTROLADO", isso quando falamos das cidades litorâneas. Agora pense nos processos nas fazendas no interior das capitanias e colônias? Em muito, a prática religiosa era permitida, encorajada e até mesmo participativa por parte dos elementos "cristãos" da mesma.

Podemos dizer que o banto transforma suas práticas em um catolicismo peculiar envolvendo suas ideias tradicionais e dando um novo corpo a sua religião em terras brasileiras. Nei Lopes cita o exemplo de João de Camargo, no início do século XX, que em Sorocaba (São Paulo) cria a Igreja Negra e Misteriosa da Água Vermelha, após revelações dadas por espíritos e divindades. Nesta igreja sobressaia a importância dos santos negros como Santa Ifigênia, Santo Elesbão e São Benedito, que segundo Nei Lopes, era chamado de *Rongondongo*, uma estrutura linguística claramente banto.

Roger Bastide cita que além das imagens dos santos havia a pedra (otá) do santo depositada a seus pés, no altar.

Nei Lopes diz: "Assim, em nossa avaliação, eles (bantos), no Brasil, apenas intercambiaram valores culturais, e não 'imitaram servilmente', como já se disse, rituais católicos e tradições rituais de outros grupos africanos (os fon e os iorubás)"⁶

A Macumba, termo que acaba sendo usado de forma indevida e muitas vezes sendo "defendido" por uma contextualização piegas de ser um "instrumento musical", aparece mais fortemente no Rio de Janeiro e em São Paulo. A macumba é claramente de origem banta e tomou uma forte categorização depreciativa.

Enquanto, os ritos de origem sudanesa e suas variantes⁷ acabam sendo defendidas como "Candomblé"

⁶ Defendendo uma individualidade, originalidade e personalidade das culturas religiosas banto, seja ela a religião tradicional, os calundus, a cabula, a macumba e até mesmo a Umbanda. Essas práticas não precisam e nunca precisaram do Candomblé Jejê-Nagô.

⁷ Batuque no Rio Grande do Sul; Xangô em Pernambuco, Tambor de Minas no Maranhão, etc.

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



Contudo, a palavra *Candomblé* é de origem banto e vem de uma etimologia discutível, mas coerente que é Candombe, ou seja, "Dança, Batuque".

Veja, que até a terminologia usada para designar o suposto culto puro africano no Brasil, que é defendido como uma continuidade da prática africana em terras brasileiras, usa um termo BANTO!

Infelizmente, a maioria do povo Ketu toma uma concepção errônea e preconceituosa, reforçada pela academia e pelos próprios dirigentes e adeptos, de que são superiores espiritualmente, culturalmente e religiosamente do que as práticas bantos. Quantas vezes nós já ouvimos que a "umbanda é um candomblé mal feito" ou que "onde já se viu usar coisas de candomblé na Umbanda"? Porém, quando vamos investigar, o candomblé é que acaba usando do que os bantos praticavam e posteriormente essa tradição banto dará origem a Umbanda.

O CALUNDU

O Calundu é uma expressão religiosa não centralizada baseada na tentativa de resgate das práticas religiosas originais das terras banto. O termo calundu vêm de "Quilombo de Calundu", onde Quilombo provém do termo *Kilombo* e significa "união ou reunião" e Calundu, provém do termo *Kilundu*, que significa "ancestral, espírito de pessoa que viveu em época remota)⁸. Desta forma podemos inferir que Quilombo de Calundu significaria: "Reunião dos Espíritos Ancestrais". Isso lembra muito o que fazemos na Umbanda, certo?

Segundo Nuno Marques Pereira, (Compêndio narrativo peregrino da América, 1731): "São uns folguedos ou adivinhações que dizem estes pretos que costumam fazer nas suas terras, e quando se acham juntos, também usam deles cá, para saberem várias coisas; como as doenças de que procedem; e por adivinharem algumas coisas perdidas, e também para terem ventura em suas caçadas e lavouras, entre outras coisas".

O termo era usado para designar toda e qualquer prática espiritual e religiosa de origem africana no Brasil até o século XIX, onde começa a ser usado o nome Candomblé, para diferenciar os cultos bantos dos cultos lorubas.

⁸ Dicionário Banto-Português, Nei Lopes.

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



Inclusive a inclusão desses "escravizados" dentro das comunidades católicas, lhes garantiam meios de se organizarem para suas outras manifestações religiosas. Pares (2006, p.101; 124) cita: "É que, entre eles, a participação tanto em rituais católicos quanto em calundus, não eram sentidas como contraditórias; e sim como uma interação benéfica."

Encontramos registros de 1864 da figura de Anna Maria, angolana, chefe religiosa de um lugar chamado de Dendezeiro, em Salvador. Seria um registro daquilo que entenderíamos como Candomblé de Caboclo. Temos também a figura de Gregório Maquende, nascido em 1874, de pai natural de Angola, sendo o herdeiro do terreiro fundado por Constâncio da Silva e Souza.

O sistema lorubá acaba prevalecendo segundo algumas fontes, por conta do intercâmbio entre o estado da Bahia e o Golfo do Benin no século XIX.

Além disso, encontramos posteriormente a influência banto na concepção da Cabula, onde muitos relatam que é uma ideia bem próxima do que é a Umbanda. Isso se dá pelos termos usados, também serem recorrentes dentro da prática umbandista, tais como Tatá para designar o dirigente ou o espírito que se manifesta no dirigente, a sessão ser chamada de mesa, o chefe da mesa sendo chamado de embanda e os seus ajudantes serem os cambône.

A estrutura da Cabula se dá pelo mistério, pelos iniciados, tal qual uma maçonaria, sendo que os iniciados chamados de *camanás*, não podem revelar nada das tradições sendo até imputada pena de morte por envenenamento a estes. Os profanos ou não-iniciados são chamados de *caialós*.

A reunião dos iniciados (Camanás) é chamada de engira, que na Umbanda se torna Gira. As vestimentas são sempre camisa e calças brancas, com os pés descalços. Desta forma Nei Lopes diz: "Então, a cabula é que nos parece ter sido a velocidade inicial da Umbanda, religião hoje inegavelmente brasileira, mas que tem raízes na África dos povos bantos, raízes essas que, em meados do século XX, eram alimentadas com a tentativa de reafricanização representada pela modalidade chamada 'omolocô' (nome originário do quimbundo 'muloko', juramento, ou do suto, povo do sul da África, na forma 'moloko", significando 'genealogia', 'geração', 'tribo')".

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



A palavra Umbanda tem origem também banto, tanto no Quimbundo quanto no Umbundo, seu significado acaba sendo a capacidade de curar, uma medicina, a arte de cura. A palavra original se dá no Quimbundo como *imbanda* e no Umbundo como *mbanda*, sendo que o plural desta foram é "kimbanda". Esse termo também é usado para designar o feiticeiro ou curandeiro que praticava a mbanda.

Nei Lopes ainda acrescenta: "Ainda na Umbanda, um elemento que efetivamente religa, mais diretamente essa modalidade ao universo religioso dos povos bantos é a presença dos "pretos-velhos". Essa presença aproxima os rituais umbandistas do culto aos ancestrais; fazendo pressupor, inclusive, uma aproximação dos bantos ao espiritismo de Allan Kardec - chegado ao brasil em meados do século XIX -, porque, através dele, podiam manter contato com seus mortos. Daí terem surgido após a abolição, as entidades chamadas "pretos-velhos", os "cacurucaios" (do quimbundo 'kikulakaji', ou seja, 'ancião"), que representariam espíritos de antepassados, e antepassados bantos, como expressamente indicam a maioria de seus nomes - Vovó Cambinda, Vovô Congo, Pai Joaquim de Angola, Vovó Maria Conga, etc."

A língua banto, seja o quicongo, umbundo e principalmente o quimbundo, são predominantes dentro do linguajar brasileiro e do portugues falado no Brasil. Contesta-se até mesmo que o Nagô / lorubá seja tão importante, pois essa linguagem acaba sendo restrita dentro dos contextos religiosos, culinários e em parte de música, sendo que as línguas banto acabam fazendo parte do vocabulário de uso comum em seus termos, não nos soando como "estrangeirismo" ao falar.

Até mesmo a fonética da língua banto é dada como parte do nosso português, mesmo na língua não-oficial e não formal. Flor, se torna fulô, negro se torna nêgo, salvar, se torna saravá e assim por diante. Além da prática de usar nomes familiares (apelidos) para os nomes próprios, tal como: Chico, Donga, Iaiá, Joca, Juca, Maneco, Sinhá, Sinhô, Zeca, etc.

Em "O Candomblé bem explicado" vemos um excerto interessante sobre a união dos Bantos, trazidos como escravos, juntamente com os indígenas já escravizados em terras brasileiras:

"Os índios logo se identificaram com a nação bantu e a ela se uniram quando os participantes desta nação aqui chegaram para trabalhar como escravos. Esta parceria era uma tentativa de ambos se resguardarem contra seus opressores e de protegerem seus

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



interesses sociais e suas necessidades religiosas, Nesta união, foram se mesclando, adquirindo e trocando costumes, crenças, conhecimentos sobre a natureza. Foi a partir desta junção que surgiram os primórdios da Umbanda, que tem nos seus caboclos a figura dos nossos ancestrais indígenas, e nos pretos-velhos, a sínteses dos nossos ancestres escravos. A Umbanda é então a religião que foi criada no Brasil, amalgamando saberes africanos e indígenas com o saber europeu, por meio do sincretismo com a religião católica."

Aos puristas que elencam os lorubás como os originais e mais puros dentro do contexto religioso africano, citamos ainda um outro excerto de mesmo livro: "Na África não se conhece o culto chamado candomblé, pois esta designação é somente brasileira; lá o que existe é o culto às divindades, individualizado por regiões, cidades e até mesmo famílias."

Mas a pergunta que se tem é onde que se perde a identidade banto e se dá espaço para a identidade lorubá, em outras palavras, quando o inquice se torna orixá? Isso se dá pela distância geográfica e histórica da chegada dos povos bantos, cultuadores dos Inquices, que ocorreu no século XVI, XVII e que se perdeu nas gerações seguintes. Quando da chegada dos Iorubás, final do século XVIII e XIX, já tivemos uma perda da identidade devido ao falecimento dos ancestrais que haviam sido trazidos da África Banto e também de seus descendentes. Desta forma, para manter os conhecimentos, misturou-se em uma adoção orgânica o conhecimento de outras nações africanas para dar sentido àquilo.

Se olharmos para os Orixás de Umbanda vamos encontrar mais semelhanças com os Inquices e com a identidade Banto do que propriamente para os Orixás Iorubás.





SINCRETISMO DENTRO DAS PRÁTICAS BANTO?

Sincretismo é sempre um tema muito debatido e pouco compreendido, envolvendo paixões e muita construção errada de pensamento. Quando falamos em sincretismo as pessoas acham que é algo que vem a substituir o que já existe, em outras palavras, um Orixá seria entendido como um Santo, sendo que o Santo substituiria o Orixá.

Contudo, esse é um pensamento limitado e não reflete a complexidade do processo sincrético, que não começou com o cristianismo, tendo o próprio cristianismo sofrido processos sincréticos, assim como o judaísmo.

Como já vimos em textos anteriores, o próprio islâmismo africano é cheio de referências, inclusões e práticas diferentes do islâmismo em sua origem árabe. Isso já pode ser considerado uma forma de sincretismo.

A figura do próprio Jesus Cristo, foge totalmente o biotipo dos judeus padrões vivendo na Galiléia há 2024⁹ anos.



Possível representação da fisionomia de Jesus baseado nos indivíduos da região da Galiléia.

Este material é parte integrante do curso "Teologia e Doutrina de Umbanda - Tradição do Chão de Jorge" É proibida a cópia, duplicação e venda desta obra intelectual por terceiros, sem prévia autorização.

Perdido em Pensamentos EAD, sob direção de Douglas Rainho. Todos os Direitos Reservados • 2020

⁹ Texto escrito em 2021.

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I **AULA 02**



O Jesus que conhecemos dentro da Igreja Romana com olhos azuis e cabelos loiros, está muito mais próxima da representação dos deuses pagãos já cultuados pelos povos romanos, sendo uma representação aproximada de Apolo, Mitra ou do Solis Invictus.







Acima representação de Solis Invictus, Mitra e Apolo

Sobre o sincretismo dentro do Calundu, Sweet (2003, pg. 7) rejeita a ideia. Acredita que há um contato entre ambas as religiões, calundu e catolicismo, mas que a prática feita pelos africanos banto era superficial, onde o corpo doutrinário do sistema religioso banto se mantinha de certa forma intocado e independente. Contudo ele entende que houve uma reinterpretação do catolicismo, incluindo-o dentro das práticas do Calundu. As simbologias e as necessidades eram adicionadas conforme as circunstâncias.

Marcusi (2006, pg. 112) relata que Luzia Pinta, angolana natural de Luanda, no território de Angola, já antes de 1743, quando fora condenada no tribunal inquisitorial de forma presumida, vivia em Minas Gerais, na região de Sabará, prestando serviços e atendimentos espirituais à população com a prática do Calundu. Marcusi acredita que Luzia Pinta tinha uma interpretação própria das religiões: católicas e banto, não sendo a prática original e tampouco o catolicismo, mas algo compreendido por ela e pelos que praticavam o Calundu como uma recriação do sistema de crenças adaptado para o novo solo.

A proximidade do Calundu com a Umbanda é perceptível, seus rituais acabavam por acontecer nos espaços domésticos, seja urbano ou rural, nas casas e fazendas, atraindo várias pessoas de todos os segmentos sociais, não se restringindo a um público de cativos, ex-cativos e marginalizados (Silveira, 2009, pg. 18).

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I **AULA 02**



A dança tinha um importante papel, assim como os cânticos, todos acompanhados dos toques dos instrumentos de percussão. Esse expediente era usado para influenciar os adeptos a entrarem em transe. Geralmente, usavam roupas para a ocasião, decoradas com fitas e penas nas cabeças. Mais uma vez reforçando sua proximidade com a Umbanda atualmente praticada.

QUEM SÃO OS INQUICES, ORIXÁS E VODUNS

Tabela Comparativa Orixá, Inquice, Vodun e Santos. Existem diversas terminologias, escolhemos as que mais são conhecidas. Como método comparativo pode haver discrepâncias em outras catalogações.

ORIXÁ	INQUICE	VODUN	SANTO
Oxalá	Lemba Dilê /	Lissá	Jesus Cristo
Ogum	Inquoce / Roximucumbe	Gú	São Jorge
Oxóssi	Congobira / Cabila	Aguê	São Sebastião
Xangô	Zaze Luango	Quevioço	São Jerônimo
lansã	Matamba	Sobó Babadi	Santa Bárbara



	1	·	1
lemanjá	Dandalunda/caiala / Caitumbá	Abé	Nossa Senhora dos Navegantes
Oxum	Quissambo/ Quissimbi	Aziri	Nossa Senhora da Conceição
Nanã	Gangazumba/ Zumbarandá	Nánà	Santa Ana
Omulu	Cavungo / Caviungo	Sapatá	São Roque
Oxumaré	Angorô	Dã	São Bartolomeu
Ossaim	Catendê /		São Benedito
Exu	Aluvaiá	Lebá	Santo Antônio / Diabo
lfá	-	Fá	-

OS POVOS IORUBÁS

Os lorubás, também chamados de nagôs, constituem um grupo étnico (e também tronco linguístico) da África Ocidental. Originalmente, só os indivíduos da cidade-estado de Oyó era considerado lorubá, sendo que essa nomenclatura acabou se espalhando para as demais regiões em torno de Ilê-Ifé e Oyó.

Hoje consideramos que a Nigéria (em seu sudoeste), o Benim, o Gana, o Togo e a Costa do Marfim, são considerados lorubás. Encontramos o povo lorubá também referidos como Ketus ou Queto, Abeocutá e outros.

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



Considerado o Candomblé por excelência, a prática pelo povo lorubá se dá pela Nação Ketu ou Nagô. O termo lorubá ficou conhecido em 1826, por intermédio do Capitão Capperton, em um manuscrito de língua árabe, encontrado na terra dos Hauçás. Considera-se que as grandes nações e cidades-estados lorubás começam a se formar com a expansão mercantil e nômade dos povos berberes. Porém, o entendimento como uma unidade só se dá no século XIX, como um agrupamento lorubá.

Nós consideramos geralmente um povo como se ele tivesse compreensão de ter pertencimento a um determinado grupo. O ocidente, principalmente os povos europeus, sempre estigmatizam e generalizaram aqueles que lhes são estrangeiros. Assim se dava com os povos ditos bárbaros, pelos romanos, que nada mais eram os povos que não falavam latim.

Com os lorubás é o mesmo caso, apesar dos lorubás originais serem pertencentes a nação-estado de Oyó, depois isso é expandido e entendido como todos os agrupamentos próximos nas cidades e nas etnias semelhantes, tais como: Egbá, Egbado, Ijebu, Ijexá, Ekiti, Ondo, Akoko e Owo, entre outros. Apesar do centro de poder deste povo estar na cidade de Ifé (Ilê-Ifé), a cidade de Oyó foi quem resistiu por mais tempo em uma situação de poder.

Assim como os povos bantos, o entendimento de uma força vital que permeia toda a criação também faz parte do centro religioso lorubá, essa diminuição ou equilíbrio do axé se dá geralmente pelos processos de oferendas, os chamados *ebós*, que tem a função de redirecionar o fluxo das energias, possibilitando boa saúde, fartura, saúde e melhorar o destino do indivíduo.

Também compreende-se a estrutura familiar por meio da família estendida, onde o sistema é dado além de pai, mãe e filhos.

Os mitos, que encerram verdades morais dos heróis divinizados e deuses, são chamados de *Itans*. Essas lendas e história dos Orixás, pontuam sempre uma verdade a ser aprendida, nem sempre sendo exatamente o ocorrido. Podemos encontrar diversas variações das lendas, conforme as cidades e povos que as conta, sendo que a participação de Ogum em uma pode se dar como um grande beneficiador da tecnologia e em outras como um indivíduo lascivo e vingativo. Isso se dá com todos os Orixás, pois os *Itans* eram contados a partir da perspectiva dos povos, então um povo derrotado iria "diminuir" as capacidades do Orixá do povo conquistador.

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I **AULA 02**



Cada povoado, cidade ou agrupamento tinha um ou mais orixás próprios, que estavam ligados a figuras mitológicas ou heróis do passado, que foram divinizados ou até mesmo a localidades geograficamente marcadas como o Rio Níger (Oyá), Rio Osun (Oxum) e o Rio Ogun (Iemanjá). Quem parece não obedecer a esse paradigma são: Obatalá e suas manifestações (Oxaquiã, Oxalufã, Oxalaí), Orunmilá (Dono do Ifá) e Exu.

O Deus maior, criador dos Orixás, é dado como Olorun ou Olodumaré. Consideradas divindades maiores, encontramos: Obatalá, Odudua, Ogum, Exu, Orunmilá, Omulu, Ossain e Xangô.

De forma mais restrita existem as divindades ligadas a clãs, cidades, aldeias e povos, consideradas divindades étnicas ou regionais. Xangô, apesar de ser considerado uma divindade abrangente, também é a divindade regional em Oyó, sendo considerado até mesmo um Rei do passado. Iemanjá tem seu culto fortificado em Egbá, Ogum em Ekiti, Airá em Savé, etc...

Pierre Verger relata que mesmo antes da vinda dos africanos de origem Iorubá ao Brasil, a mistura já ocorria entre os cultuadores das divindades. Contudo, por exemplo, o grande caçador Oxóssi, que tem um culto bem considerado em terras brasileiras, era tido como um dos muitos Caçadores (Odés) e não exatamente o mais proeminente. Oxóssi é o nome pelo qual chamamos o Odé de uma flecha só do Itan do pássaro das la Mi Oxorongá. Porém, existiam diversas divindades com a qualificação de Odé. Mas no Brasil, Oxóssi se torna tão proeminente que é considerado o grande rei do Reino de Ketu, formando o candomblé que seria "acreditado" como o mais puro.

Algo que deve ficar claro é que os adeptos do Ketu com certeza irão dizer que sua religião tem mais de cinco mil anos de existência, contudo isso é impossível de ser afirmado, visto que o candomblé (como já falamos anteriormente) não existe na África, sendo uma religião reinterpretada tendo como base o culto tradicional da região de Ketu, neste caso específico. O primeiro registro de uma casa de Candomblé Ketu se dá em 1830, na Barroquinha, também chamado de Engenho Velho ou Terreiro da Casa Branca, com o nome verdadeiro de *Ilê Axé lá Nassô Ocá*.

Vendo desta forma o candomblé formatado e aceito é o de origem Nagô/Iorubá, mais certamente o de Ketu, com forte influência da identidade de Oyó (Xangô). No próprio Engenho Velho, vemos que o terreiro é de Oxóssi, mas o templo principal é dado a Xangô.

INFLUÊNCIAS AFRICANAS I AULA 02



Outro dos mais conhecidos terreiros, o do Gantois, é fundado após uma dissidência do terreiro da Barroquinha, por Maria Júlia da Conceição Nazaré. Conhecido como Sociedade São Jorge do Gantois, Terreiro do Gantois ou *Ilê Iaomim Axé Iamassê* é um dos terreiros tombados pelo IPHAN.

Após nova divergência, cria-se outro ilê bem conhecido em todo território nacional (e internacional) o *Ilê Axé Opô Afonjá*, sendo essa a casa onde Pierre Verger é feito Fatumbi.

O povo lorubá, por ser um dos últimos que foram trazidos ao Brasil, acabou por preservar a sua memória religiosa de forma mais intacta que os povos bantos já aqui encontrados, que já estavam em sua terceira ou quarta geração. Desta forma, por assimilação muitos bantos se aproximaram da religião lorubá, fazendo com que o processo da mesma, assim como o aculturamento pelos Orixás se fizesse presente. Contudo a forma de trabalho com os Orixás, suas comidas, suas formas ritualísticas divergem muito da originalmente encontrada em África, sendo uma adaptação ao novo solo.

Apesar dos Orixás não serem cultuados como na África, eles ainda exercem um grande impacto no entendimento popular, sendo usado de seus nomes para designar as divindades de outras nacionalidades, sejam elas outras etnias africanas ou até mesmo dos deuses nativos do povo originário, por aproximação, similaridade e sincretismo.

Outros povos, conhecidos como povo Fon ou Jejê (de forma depreciativa), se tornam também presentes, mas acabam não sendo tão preponderantes, fomentando mais algumas práticas no nordeste brasileiro como o Xangô de Pernambuco e o Tambor de Mina, além do Candomblé Jejê e Jejê-Nago, onde os Voduns aparecem com mais efetividade.

Alguns de seus voduns já eram cultuados pelos lorubás na África, sendo trazidos também como elementos sincréticos do culto lorubá, sendo eles: Ewá, Oxumarê, Nanã Burukê e Omulu (Obaluaiê).



E O QUE ESSES POVOS LEGARAM A UMBANDA?

Como vimos nesta longa exposição, a Umbanda bebe em sua raiz africana depende muito da consideração Banto de religião, por meio do entendimento dos ancestrais e das forças naturais e de como há um equilíbrio pela força vital nos processos da nossa vida cotidiana. O processo de ancestralidade e culto a aqueles que já se foram, sendo dado oferendas e até mesmo a sua invocação para tratar os que aqui ainda estão, é preponderante, levando em consideração a comunidade, o coletivo e não o eu.

Contudo vemos a inclusão das práticas lorubás em seus sistemas de organização e também por meio da inclusão dos Orixás, de seus pratos e oferendas, das suas magias e de seus *Itans*.

Podemos dizer que em 90% da raiz africana da Umbanda, prepondera a cultura banto, sendo que os 10% restantes se dividem entre os Iorubás, Malês e Fons.

Dos lorubás e Fons pegam-se as divindades e suas lendas, dos Malês as mandingas, breves e patuás, além do próprio Atabaque que vem de uma palavra árabe, e as vestes brancas, mas é o coração Banto que pulsa na Umbanda.



QUEM É DOUGLAS RAINHO?



Douglas Rainho é dirigente da Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge, localizada no bairro do Tatuapé, na cidade de São Paulo - SP. Bacharel em Ciência da Computação, pós-graduado em Naturopatia e estudante de teologia, procura sempre estudar temas pertinentes a magia e a espiritualidade.

Autor do blog **Perdido em Pensamentos** (<u>www.perdido.co</u>) onde propõe a tratar dos assuntos que lhe são pertinentes como Espiritualidade, Umbanda, Magia e Terapias Naturais.

Também é apresentador do **Papo na Encruza**, podcast sobre Macumbaria no geral, disponível em <u>www.paponaencruza.com</u>.

Já ministrou diversas palestras, workshops e cursos na área de Espiritualidade e Religião e tem como grande paixão a divulgação do conhecimento com seu contumaz sarcasmo e sua ironia peculiar. Atualmente é ministrante no **Núcleo de Estudos Sapienza** (www.nucleosapienza.com) para Terapias Naturais e no **PerdidoEAD** para temas ligados a Religiosidade, Magia e Espiritualismo.

Para saber mais sobre o autor, siga seu perfil no Instagram: **@douglasrainho7** ou procure o mesmo em <u>www.perdidoead.com</u>.



BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA:

ENCANTARIA BRASILEIRA: O LIVRO DOS MESTRES, CABOCLOS E ENCANTADOS; PRANDI; Reginaldo; Ed. Pallas.

CONHECENDO A UMBANDA DENTRO DO TERREIRO; RAINHO, Douglas; Ed. Nova Senda.

BANTOS, MALÊS E IDENTIDADE NEGRA; LOPES; Nei.; Ed. Autêntica.

O CANDOMBLÉ BEM EXPLICADO; NAÇÕES BANTU, IORUBÁ E FON; KILEUY, Odé; DE OXAGUIÃ, Vera; BARROS, Marcelo (org.); Ed. Pallas.

OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO:

Textos e Artigos do blog Perdido em Pensamentos (<u>www.perdico.co</u>).

Vídeos do YouTube do Canal Perdido em Pensamentos. (www.youtube.com/perdidoco10)

Episódios de Podcast do Papo na Encruza. (www.paponaencruza.com)

Artigos e Apostilas das aulas de Umbanda de Douglas Rainho, na Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge.